

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT11.024](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT11.024)

VIOÊNCIA ESCOLAR E SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES: ESTADO DA ARTE

ANA BEATRIZ DA SILVA CARMO

Mestranda do Curso do Programa de Pós-graduação Educação, Culturas e Identidades (PPGECI) da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, beatrizviana163@gmail.com

HUGO MONTEIRO FERREIRA

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Professor Adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), hmonteiroferrira@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa pretende expor o levantamento de textos acadêmicos, teses e periódicos, sobre a relação entre a violência escolar e a saúde mental de adolescentes, no ano de 2018 até 2023. Com o objetivo de perceber os anos que apresentavam maior frequência de publicações sobre a temática, o que já foi estudado e as lacunas sobre o assunto. Para fazer o estado da arte foi utilizado os descritores "Saúde mental, Violência escolar, Adolescentes." Pode selecionar 2 teses na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, 5 artigos no Portal de Periódicos CAPES e no Google Acadêmico, com restrição aos textos acadêmicos do site Scielo Brasil, foram selecionados 6 artigos. Com base no questionamento "Qual a relação da violência escolar na saúde mental de adolescentes?" foi feito a leitura dos títulos e resumos, e após a primeira triagem de textos foi feito à leitura integral e a análise. Foram retiradas todas as pesquisas que não apresentavam conexão entre os descritores e pergunta norteadora, não estão relacionadas ao ambiente escolar e que a pesquisa ocorreu apenas com professores, sem escutar os alunos. Os resultados obtidos denotam a prevalência de estudos utilizando o termo "bullying", em contra partida poucos usam o termo "violência escolar". Existe a presença de correlações das violências relacionadas a gênero, gagueira e diversidade sexual. E a maioria dos textos acadêmicos não apresentavam como foco central a relação da violência escolar com a saúde mental, mas é visto como um objetivo específico ou na análise dos dados, assim percebe a multifatorial de fatores causadores e da rede

de apoio como principal auxílio. Este estudo vai contribuir como um panorama que propiciem novos trabalhos com essa temática para a educação.

Palavras-chave: Saúde Mental, Violência Escolar, Adolescentes, Estado da Arte.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos pesquisas denominadas como “estado da arte” ou “estado do conhecimento” tem sido produzidas significativamente, mapeiam e discutem uma produção acadêmica em diversos campos de conhecimento, possui um caráter de inventário e descrição de textos acadêmico sobre o que deseja pesquisar, utilizando categorias para perceber suas características de forma individual e no conjunto. Assim, prevendo observar o que já foi construído ou não. (FERREIRA, 2002)

Como Sposito (2009, p.7) expõe esse modelo de pesquisa é como alguém que começa uma caminhada “num certo ponto faz uma parada, olha para trás, toma fôlego, reavalia os objetivos do caminhar e se coloca em posição de retomar o percurso, podendo mesmo reorientar o seu rumo em função da “reflexão” e da recuperação”.

Segundo Vasconcellos, Nascimento da Silva e de Souza (2020) no Brasil, os termos como “estado da arte” ou “estado do conhecimento” são utilizadas como sinônimo em distintas pesquisas, no entanto não é consenso entre todos os autores. Nesse artigo está denominado como estado da arte, visto que os autores citados anteriormente em sua obra, apresentam esse termo como uma pesquisa em diversos tipos de registros, uma dialogicidade com autores de diversas áreas, o que traz à tona a riqueza dos dados, também é sustentada por pesquisadores que veem como necessário acompanhar as mudanças nas ciências.

Então, nessa pesquisa a relação entre violência escolar e saúde mental de adolescentes está em foco. Inicialmente, é válido entender o que seriam as violências escolares, segundo Charlot (2002) é necessário diferenciar a violência na escola, a violência à escola e a violência da escola. A violência na escola gerada dentro do ambiente escolar, sem estar vinculada à caráter e às atividades da instituição, já a violência à escola se vincula à natureza e às atividades do local, violências que focam a instituição e quem representa. E por fim, a violência contra a escola deve ser estudada junto com a violência da escola, uma violência institucional que os estudantes aguentam pela forma como são tratados pela instituição e seus agentes. Contudo, o autor resolve que a escola até pode ser mais impotente em relação a violência na escola, porém dispõe de alguma ação no caso da violência à escola e da escola.

Assim, considera-se que esse local pode proporcionar fatores de risco como o fracasso escolar, o bullying e exposição de crianças a riscos, contudo pode apresentar fatores de proteção, estimulando a sensação de pertencimento, reconhecendo o esforço do aluno e estimulando bons hábitos (BRESSAN ET AL, 2014).

Existem pesquisas que buscam observar as relações da violência escolar em diversas de suas facetas, um exemplo são autores como Silva e Salles (2010), que evidenciam que estudos sobre bullying procuram analisar o sofrimento experiência por uma parte dos alunos causada por atitude violenta de colegas em relação a eles, as consequências dos maus tratos, para agressores e para vítimas. Assim de acordo com os autores, na direção da redução das incidências do bullying, busca melhorar a experiência escolar dos estudantes submetidos aos maus tratos.

Tendo em vista que uma das faixas etárias presentes na escola é a adolescência, a frase de Le Breton (2017, p. 19) “adolescência não é um acontecimento, mas antes uma questão que atravessa o tempo e o espaço das sociedades humanas”. Então, por esse pressuposto como está a saúde mental desses jovens que são atravessados por um espaço escolar violento.

O presente estudo visa expor o levantamento de textos acadêmicos, sobre a relação entre a violência escolar e a saúde mental de adolescentes, no ano de 2018 até 2023. Esse período foi escolhido com o intuito de analisar as pesquisas mais atuais sobre a temática. Tem em seu objetivo perceber os anos que apresentavam maior frequência de publicações sobre a temática, o que já foi estudado e as lacunas sobre o assunto.

Com base no questionamento “Qual a relação da violência escolar na saúde mental de adolescentes?” é percebido os caminhos e possibilidades sobre o que já é debatido ou não nos textos acadêmicos nas diversas áreas de conhecimento, sobre a temática, propiciando novos debates sobre as facetas pouco pesquisadas ou identificar porque outras particularidades é tão pertinente para alguns autores na atualidade.

METODOLOGIA

Com base na perspectiva do “estado da arte” foi realizado o levantamento de texto acadêmicos que abordam a relação da violência escolar na saúde mental de adolescentes. Inicialmente, nas pesquisas foram utilizados os “Saúde mental, Violência escolar, Adolescentes” e a leitura dos títulos e resumos, para primeira

triagem e análise inicial. Conforme Ferreira (2002, p. 270) “É possível ler em cada resumo e no conjunto deles outros enunciados, outros resumos, outras vozes, e perceber a presença de certos aspectos significativos do debate sobre determinada área de conhecimento, em um determinado período.”

Após esse momento, foi realizada uma nova triagem, feito então a leitura integral dos textos, pois foi percebido a falta de informações de alguns resumos, assim buscando a exclusão de alguns textos e análise mais detalhada dos selecionados. Excluíram-se todas as pesquisas que não apresentavam conexão entre os descritores e pergunta norteadora “Qual a relação da violência escolar na saúde mental de adolescentes?”, não estão relacionadas ao ambiente escolar e que a pesquisa ocorreu apenas com professores, sem escutar os alunos.

Na análise descritiva foram percebidos as seguintes informações: autores e ano de publicação, revista ou local de publicação, objetivos, métodos e resultados principais quando informados, quantidade de textos selecionados em cada plataforma, anos de maiores frequências de publicações, qual os focos centrais dos textos e as correlações que os textos apresentam entre si.

Inicialmente, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), foram localizados duas (2) teses, e Portal de Periódicos CAPES foram encontrados cinco (5) artigos. Para uma maior análise foi pesquisado também no Google Acadêmico, com restrição aos textos acadêmicos do site Scielo Brasil, foram selecionados seis (6) artigos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Avaliando o interesse por saber as pesquisas mais atuais sobre a relação da violência escolar na saúde mental de adolescentes, foi preferido realizar as buscas usando as palavras-chaves “Saúde mental, Violência escolar, Adolescentes”, com o período de 2018 até 2023. Assim, foi feito o levantamento de treze (13) textos acadêmico, sendo encontradas duas (2) teses e onze (11) artigos, contudo não foram encontradas dissertações congruentes com a temática, em três (3) sites que possuem catalogo conforme a Tabela 01 detalha.

Observou-se também a necessidade de destacar a quantidade de produções percebidas em cada ano, como visto na Tabela 02, ao qual o ano de 2021 com seis (6) pesquisas e 2018 com quatro (4) pesquisas apresentam o maior índice de textos, contudo os anos de 2022 e 2023 não possuem nenhum.

Tabela 01 – Quantidade de publicações de Teses e Artigos entre 2018 e 2023

SITE	TIPO	QUANTIDADE
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	Teses	2
Portal de Periódicos CAPES	Artigos	5
Google Acadêmico (restrição dos publicados no site Scielo Brasil)	Artigos	6

Tabela 02 – Produção de textos acadêmicos, 2018 até 2023.

2018	2019	2020	2021	2022	2023
4	2	1	6	-	-

Destrinchando ao quantidade de textos acadêmico elencados de cada site e representado nas Tabelas 03, 04 e 05.

Tabela 03 – Produção de Teses na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, 2018 até 2023

2018	2019	2020	2021	2022	2023
1	1	-	-	-	-

Tabela 04 – Produção de Artigos no Portal de Periódicos CAPES, 2018 até 2023.

2018	2019	2020	2021	2022	2023
1	1	-	3	-	-

Tabela 05– Produção de Artigos Google Acadêmico (restrição dos publicados no site Scielo Brasil), 2018 até 2023.

2018	2019	2020	2021	2022	2023
2	-	1	3	-	-

A seguir (Tabela 06), pode-se observar algumas informações das duas Teses encontradas, seguindo o recorte temporal já mencionado.

Tabela 06 – Informações sobre as Teses do ano de 2018 até 2023.

Teses	Objetivos	Métodos	Resultados
<p>Preditores de bullying escolar em adolescentes. RIGATTI, Roberta 2019</p>	<p>O objetivo da presente pesquisa foi o de avaliar os preditores de comportamento de bullying relacionados às características demográficas, psicossociais (problemas de saúde mental e temperamento) e de desempenho escolar no período de seguimento de três anos.</p>	<p>A população foi de alunos das turmas do 8º e 9º ano diurno de três escolas da rede pública de ensino de Porto Alegre/RS. Na ocasião da primeira coleta, os alunos estavam cursando o 5º e o 6º ano. Os instrumentos foram aplicados nas escolas pela equipe de pesquisa, em sala de aula, no último trimestre de 2017. O comportamento de bullying foi avaliado com o Questionário de Bullying (QB) – versão agressor e versão vítima. As características de temperamento foram identificadas por meio do Inventory of Callous-Unemotional Traits (ICU) e do Índice de Reatividade Afetiva - versão de criança (ARI-C) e o Questionário de Capacidades e Dificuldades - versão criança (SDQ-C) avaliou os problemas de saúde mental.</p>	<p>Na comparação entre os dois períodos do estudo, observou-se que houve mudanças significativas em relação ao bullying, sendo que os escores aumentaram significativamente para o agressor ($p < 0,001$) e houve diminuição para vítima ($p = 0,024$). Os traços de temperamento também aumentaram significativamente para a irritabilidade ($p = 0,004$) e indiferença ($p < 0,001$), porém, houve diminuição significativa para insensibilidade ($p = 0,039$). Foi encontrada correlação positiva significativa fraca entre a vítima e o agressor com os traços de irritabilidade, insensibilidade e o total do ICU. Já a indiferença foi correlacionada, significativamente, com o agressor e não com o envolvimento como bullying vítima. O problema de saúde mental que apresentou correlação positiva significativa foi no domínio conduta, tanto para vítima como para agressor. Observou-se modificação significativa no tipo de prática de bullying ao longo dos três anos, com aumento significativo no comportamento de vítima-agressor. Foi encontrado que a repetência escolar, a irritabilidade e a insensibilidade aumentam o risco para o comportamento como vítima-agressor. Por outro lado, menor escore do domínio emocional diminui o risco para o envolvimento como vítima-agressor. Os achados evidenciaram que a mudança no comportamento de bullying, sobretudo, para o envolvimento como vítima-agressor tem relação com o desempenho escolar, com determinados traços de temperamento e com problemas do domínio de conduta entre adolescentes ao longo de três anos de pesquisa.</p>

Teses	Objetivos	Métodos	Resultados
<p>Avaliação de resultados de intervenção breve anti-bullying para adolescentes em escolas públicas. BOT-TAN, Gabriela 2018</p>	<p>Os objetivos do presente estudo foram os de avaliar os resultados de uma intervenção breve antibullying para adolescentes de escolas públicas e de verificar a associação entre os tipos de bullying com as características demográficas, de temperamento e de problemas de saúde mental dos alunos</p>	<p>Trata-se de um quase-experimento, realizado com alunos do 5º ao 9º ano de quatro escolas (duas intervenção e duas controles) da rede pública, de ambos os sexos e com idade entre 12 e 17 anos. A intervenção breve e aplicada em toda a escola (denominada na língua inglesa whole-schoolintervention) refere-se a uma abordagem educativa sobre bullying e de sensibilização para alunos e para professores. O desfecho bullying foi avaliado por meio do Questionário de Bullying (QB) versão vítima e versão agressor. Os instrumentos utilizados para verificar as características de temperamento e os problemas de saúde mental foram o AffectiveReactivity Index – versão criança (ARI-C) e o Questionário de Capacidades de Dificuldades – versão criança (SDQ-C), respectivamente. Os instrumentos foram aplicados no horário de aula e com a autorização dos pais, no período anterior e posterior à intervenção. Nas escolas do grupo controle, os instrumentos também foram aplicados no mesmo intervalo de tempo do grupo intervenção</p>	<p>Um total de 1.043 alunos foi incluído, sendo 526 (50,4%) meninas, com média de idade (desvio padrão) de 12,5 (DP=1,62) anos. Verificou-se que 146 (14%) estavam envolvidos com bullying como agressores, 163 (15,6%) como vítimas e 339 (32,5%) como vítimas-agressores. Observou-se associação significativa entre ser vítima (B=0,26) e agressor (B=0,28) com temperamento mais irritável. Também foi significativa a relação entre ser agressor com problemas de conduta (B=0,30) e ser vítima com problemas de relacionamento (B=0,52), conforme o SDQ-C. As escolas foram sorteadas, sendo alocados 613 (58,8%) alunos para o grupo intervenção e 430 (41,2%) para o controle. Não foi observada diferença significativa nos escores de bullying, considerando-se a interação tempo*intervenção. Tanto no grupo intervenção quanto no grupo controle, manteve-se a associação significativa verificada entre vítimas e agressores com maior temperamento irritável, problemas de conduta e de relacionamento após a intervenção. Os resultados do presente estudo indicam que intervenções breves, com inclusão somente de alunos, podem ser úteis como estratégia educativa sobre o tema, porém não são efetivas para modificar o envolvimento com bullying na escola.</p>

Conforme as informações apresentadas na Tabela 06 percebe-se que ambos os textos utilizam o termo bullying, focando assim em um tipo de violência escolar, em seus objetivos além de relacionar fatores com demografia e desempenho

escolar, relatam a relação com a saúde mental de alunos. Quanto a metodologia ambos utilizaram o Questionário de Bullying (QB) em conjunto com outros questionários, que se diferenciam.

Quanto aos resultados, a Tese de 2018, realiza os questionários após intervenção breve não apresenta uma modificação efetiva em relação a situação, a irritabilidade é um fator bastante presente entre vítima – agressor. Já a Tese de 2019, talvez por fazer uma comparação de dois períodos de estudo destaca alterações, maior irritabilidade, insensibilidade entre outros fatores.

A seguir, Tabela 07, apresentam algumas informações sobre os Artigos encontrados no Portal de Periódicos CAPES, 2018 até 2023.

Tabela 07 – Informações sobre Artigos no Portal de Periódicos CAPES, 2018 até 2023.

REFERÊNCIAS	RESUMOS
<p>ROMEIRO, Juliana Souza et al. Violência física e fatores associados em participantes da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). <i>Ciência & Saúde Coletiva</i> [online]. 2021, v. 26, n. 02, pp. 611-624. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021262.04552020>. Epub 12 Feb 2021. ISSN 1678-4561. https://doi.org/10.1590/141381232021262.04552020.</p>	<p>O objetivo deste artigo foi analisar a associação entre a violência física em escolares com fatores socioeconômicos, contexto familiar, saúde mental, comportamentos individuais de risco e ambiente inseguro. Estudo com os dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE), 2015, com alunos do 9o ano. A variável desfecho foi o relato de envolvimento em luta física e as variáveis de exposição associadas utilizadas foram relativas à condição socioeconômica e demográfica, supervisão e apoio familiar, saúde mental, comportamentos de risco e ambiente inseguro. Utilizou-se nas análises a regressão logística multivariada com abordagem hierarquizada. A prevalência de envolvimento em briga foi maior em meninos (30,2%; IC 29,3-31,0) comparada às meninas (16,7%; IC 16,0-17,4). Em ambos os sexos houve maior chance de envolvimento com violência física quando uso de drogas, falta às aulas, sedentarismo, insônia, solidão e insegurança na escola ou na comunidade e, principalmente, quando vítima de agressão familiar OR 2,59 (IC 2,31-2,90) em meninos e, em meninas OR 2,42 (IC 2,17-2,71). Houve redução da chance de envolvimento em violência física em meninos pelo fato de estarem trabalhando, em meninas, por estudarem em escola privada, e terem seus problemas e preocupações acolhidos pelos pais ou a participação destes nas atividades escolares.</p>

REFERÊNCIAS	RESUMOS
<p>OLIVEIRA, Wander lei Abadio de et al. Implications of School Bullying Victimization in Mental Health: Qualitative Evidence. <i>Psico-USF</i> [online]. 2021, v. 26, n. 4, pp. 673-684. Available from: <https://doi.org/10.1590/1413-82712021260406>. Epub 11 Mar 2022. ISSN 2175-3563. https://doi.org/10.1590/1413-82712021260406.</p>	<p>Este estudo objetivou compreender o impacto da vitimização por bullying na saúde mental de adolescentes. Trata-se de uma investigação qualitativa, desenvolvida junto a 55 estudantes de 11 escolas públicas de uma cidade do interior de Minas Gerais. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e analisados segundo a análise de conteúdo no software Atlas.TI. No grupo de participantes, 19 estudantes revelaram já ter sofrido bullying na escola. Verificou-se nas narrativas que a vitimização por bullying representa uma ameaça à saúde e bem-estar mental, caracterizando-se como uma experiência negativa, cotidiana e duradoura na trajetória escolar. Quatro categorias temáticas foram identificadas: 1) Sofrimentos mentais atribuídos às agressões sofridas; 2) Emoções negativas associadas à escola e aos relacionamentos com pares; 3) Impotência e passividade; e 4) Desconfiança diante das fracas respostas institucionais. Os resultados podem subsidiar intervenções com foco na promoção da saúde mental na escola junto aos estudantes vitimizados.</p>
<p>ENRIQUEZ-GUERRERO, CL.; BARRERAZORZA, YM., LOZANO-VÉLEZ, L., O CAMPO-GÓMEZ, MA. Adolescents perception of psycho active substance use in school settings. A qualitative study. <i>MedUNAB</i>. 2021;24(1): 51-60. Doi: https://doi.org/10.29375/01237047.3959</p>	<p>Introdução. O consumo de substâncias psicoativas em adolescentes gera efeitos negativos no indivíduo, na família e no desenvolvimento. O objetivo deste trabalho é descrever a percepção de adolescentes sobre os problemas, causas e consequências do consumo de substâncias psicoativas no ambiente escolar. Metodologia. Estudo qualitativo, exploratório, e desenvolvimento de sete grupos focais. Amostra por conveniência até a saturação dos dados. Quarenta adolescentes de uma escola pública em Bogotá participaram voluntariamente, com consentimento informado previamente e autorização. Guia de 10 questões sobre o consumo de substâncias psicoativas. Foram feitas gravações e transcrições de áudio, análises indutivas e interpretativas. Resultados. Foram coletados dados de adolescentes entre os 10 e 13 anos de idade. Esses dados foram classificados em 3 categorias previamente definidas: 1) problema, 2) causas e 3) consequências. Na primeira, surgiu uma subcategoria; na segunda e terceira emergiram duas subcategorias. Discussão. Estudos confirmam que as causas do consumo de substâncias psicoativas são o abuso doméstico e o bullying, que geram afetações físicas e mentais. Diferentemente do que é relatado na literatura, os adolescentes não percebem seus pares e familiares como um fator de proteção. Conclusão. Na percepção dos adolescentes, o acesso ao uso de substâncias psicoativas em ambientes escolares é fácil e, às vezes, feito por pessoas externas. Torna-se um problema relacionado à família e às relações sociais. Destacam-se como causas o abuso intrafamiliar, violência e bullying. Como consequências, percebem que o desempenho acadêmico, saúde física e psicológica são afetados</p>

REFERÊNCIAS	RESUMOS
<p>MALTA, Deborah Carvalho et al. Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. <i>Ciência & Saúde Coletiva</i> [online]. 2019, v. 24, n. 4 [Acessado 20 Julho 2023], pp. 1359-1368. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.15492017>. Epub 02 Maio 2019. ISSN 1678-4561. https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.15492017.</p>	<p>O estudo analisou a prevalência de sofrer bullying e fatores associados em escolares brasileiros. Trata-se de análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2015 em amostra nacional com 102.301 alunos do 9º ano. Foi calculada a prevalência de sofrer bullying e foi feita inicialmente análise bivariada com estimativas de razões de chance (OR) e IC95% para estimar as associações entre vitimização e variáveis sociodemográficas, contexto familiar, violência familiar, saúde mental e comportamentos de risco. Posteriormente, procedeu-se ao modelo de regressão logística múltipla, inserindo as variáveis de interesse com ($p < 0,20$). No modelo final ajustado (ORa) permaneceram variáveis com $p < 0,05$. A prevalência de bullying foi de 7,4%. A análise multivariada mostrou que quem tem maior chance de sofrer bullying são os escolares do sexo masculino, com 13 anos, da escola pública, filhos de mães sem escolaridade, que trabalham, com relato de solidão, sem amigos, com insônia; que sofreram agressão física dos familiares, faltaram as aulas sem avisar aos pais, usaram tabaco. Predominaram vítimas de 13 anos, com contexto social e familiar desfavorável, mostrando cenário de vulnerabilidades, demandando apoio de redes de proteção social, escolar e familiar.</p>
<p>PIGOZI, Pamela Lamarca. A produção subjetiva do cuidado: uma cartografia de bullying escolar. <i>Physis: Revista de Saúde Coletiva</i> [online]. 2018, v. 28, n. 03, e280312. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312018280312>. Epub 20 Dez 2018. ISSN 1809-4481. https://doi.org/10.1590/S0103-73312018280312.</p>	<p>Este artigo pretende compreender como a produção subjetiva do cuidado a um adolescente vítima de bullying ocorre em sua comunidade. A produção de subjetividades está atrelada ao cotidiano do adolescente, das relações que ele constrói e do suporte gerado pela comunidade no qual está inserido. A pesquisa cartográfica buscou acessar, por meio de entrevistas semiestruturadas, as experiências, as vivências e o trajeto tecido por ele em busca de amparo. Foi percorrido sobre a violência sofrida, seus percursos, seu autocuidado e suas redes de suporte. O cuidado produzido mostrou-se oscilante em todo o território. A escola utilizou estratégias pontuais em relação ao bullying e o setor saúde parece não ter alcançado a dimensão psíquica do sofrimento. Entretanto, no núcleo da família e de amigos foi possível inaugurar outras formas de afeto e atenção à saúde mental do adolescente. A entrevista cartográfica permitiu esboçar, a partir da perspectiva do adolescente, o frágil cuidado oferecido pela sua comunidade em relação ao bullying. Sinaliza-se então que ações de saúde, para serem efetivas, devem também considerar as subjetividades e as singularidades dos adolescentes, isto é, garantir um cuidado com respeito às diferenças e estímulo ao protagonismo dos jovens em seus territórios de passagem.</p>

Ao observar as referências dos textos selecionados na Tabela 07, que três dos cinco textos apresentam a palavra bullying no seu título, dessas duas só uma cita violência física e a outra é focado nas substâncias psicoativas, devido a referência a violência escolar está presente do resumo. Já as revistas mais vistas foram as da área de saúde coletiva, as outras duas uma relacionado a psicologia e a medicina,

a análise da predominância dos anos já foi vista na Tabela 04, com três artigos publicados em 2021.

Tabela 08 – Informações sobre Artigos no Google Acadêmico (restrição dos publicados no site Scielo Brasil), 2018 até 2023.

REFERÊNCIAS	RESUMOS
<p>SILVA, José Carlos Pacheco da et al. Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência. <i>Ciência & Saúde Coletiva</i> [online]. v. 26, n. 07, pp. 2643-2652, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.08332021>. Epub 02 Jul 2021. ISSN 1678-4561. https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.08332021.</p>	<p>O objetivo deste artigo é analisar o impacto do estigma e da discriminação diante do sofrimento psíquico de adolescentes LGBT. Estudo qualitativo em serviço ambulatorial especializado de Saúde Mental Infantojuvenil, da Atenção Secundária da Secretaria de Saúde do Distrito Federal. Participaram do estudo nove adolescentes. Entrevista em profundidade viabilizou a coleta de dados, cuja análise ocorreu com utilização do software Iramuteq e da Análise de Conteúdo de Bardin. Intolerância à identidade de gênero e orientação sexual, fundamentada na heteronormatividade, viola direitos humanos e constitui relevante determinante social em saúde, e a superação dos sofrimentos psíquicos apresentados, articulada com o respeito aos direitos humanos da comunidade LGBT, constitui importante vetor para enfrentamento das iniquidades em saúde na adolescência. A discriminação de adolescentes LGBT é um determinante social que também deve ser enfrentado pelos serviços em saúde, pois ocasiona prejuízos, como a evasão escolar, falta de oportunidades, perda do vínculo familiar e comportamento suicida.</p>
<p>GOMES, G. de M. R. e B., & BITTAR, C. M. L.. PERCEPÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM ESTUDO QUALITATIVO. <i>Psicologia Escolar E Educacional</i>, 25, e223900, 2021. https://doi.org/10.1590/2175-35392021223900</p>	<p>O estudo teve como objetivo conhecer as percepções de alunos e professores do Ensino Fundamental e Médio sobre a violência escolar. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa que utilizou o grupo focal como forma de coleta de dados. A violência física e verbal foram as respostas mais comuns sobre formas identificadas de violência escolar. Fatores psicológicos e socioeconômicos, prejuízo nas relações familiares, problemas de ordem pessoal e educacional, foram apontados como fatores predisponentes para a ocorrência das diversas formas da violência escolar. Ações de cunho educativo, participação do poder público de forma punitiva (polícia) e presença dos profissionais de psicologia, psiquiatria e da assistência social foram apontados como medidas para coibir a violência escolar, além do maior envolvimento da família na escola. Entende-se que a violência escolar pode ser enfrentada por meio da valorização dos direitos humanos e da ação conjunta da escola, família e comunidade</p>

REFERÊNCIAS	RESUMOS
<p>SILVA, T. A. A. da. Condição juvenil, desigualdades de gênero e processos de exclusão nas aulas de educação física escolar. <i>Civitas - Revista De Ciências Sociais</i>, 21(2), 344–354, 2021. https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.37319</p>	<p>Apresentamos neste texto os resultados de um estudo que revela as memórias de estudantes nas aulas de Educação Física escolar. Para isso, procuramos discutir como a condição juvenil das estudantes do ensino médio e as desigualdades de gênero afetam e conduzem meninas a um processo de exclusão nessas aulas. A investigação foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com sessenta estudantes do 3.º ano do ensino médio, em seis escolas públicas e seis escolas privadas de Pernambuco. O estudo revela que as experiências das estudantes estão marcadas por um processo de desigualdade de gênero que encontra amparo na ausência da intervenção do(a) professor(a).</p>
<p>ZAMPROGNO, M. P. et al. Experiences of violence at school from the stuttering patients' perspective. <i>Revista CEFAC</i>, 22(6), e6020, 2020. https://doi.org/10.1590/1982-0216/20202266020</p>	<p>Objetivo: caracterizar os pacientes com gagueira persistente em idade escolar, quanto às experiências de violência no contexto escolar, autorrelatadas pelos mesmos. Métodos: a amostra foi constituída por 10 pacientes com gagueira persistente em atendimento em um ambulatório de fluência do município de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil, entre 10 e 17 anos, independentemente do sexo e das características da gagueira. O instrumento de coleta foi um questionário autoaplicável contendo 11 questões de múltipla escolha. Os dados foram analisados descritivamente, por apresentação da frequência de respostas. Resultados: quase metade dos pacientes com gagueira afirmaram sofrer bullying, por meio do recebimento de apelidos, culpabilização por tudo o que acontece, difamações, ataques físicos e zombarias. A sala de aula foi o local mais mencionado para a ocorrência do bullying. Como reações à violência sofrida, foram mencionados: 'falar com os amigos, professores/diretores e familiares', além de 'tristeza' e 'vontade de mudar de escola'. Conclusão: apesar do reduzido número amostral, foi possível notar dados alarmantes e a importância de ações educativo-preventivas no ambiente escolar, tanto para a temática do "bullying", como da "gagueira"</p>

REFERÊNCIAS	RESUMOS
<p>SILVA, Bruno Rafael Vieira Souza et al. Autopercepção negativa de saúde associada à violência escolar em adolescentes. <i>Ciência & Saúde Coletiva</i> [online]. v. 23, n. 9 pp. 2909-2916, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018239.12962018>. ISSN 1678-4561. https://doi.org/10.1590/1413-81232018239.12962018.</p>	<p>O objetivo deste artigo é verificar a associação entre autopercepção negativa em saúde e violência escolar em adolescentes estudantes do Município de Olinda - PE. Estudo transversal, analítico e de base escolar com amostra constituída por 2.614 adolescentes, selecionados por meio de uma estratégia de amostragem aleatória em conglomerados. As informações foram obtidas através do questionário "YouthRiskBehaviorSurvey" de onde foram retiradas as questões de violência bem como da autopercepção de saúde. Os dados foram tabulados pelo programa Epi-data versão 3.1 e transcrito para o SPSS versão 22. Utilizou-se os teste do Qui-quadrado e o modelo de regressão logística binária stepwise para análise dos dados. Observou-se que 26,7% dos adolescentes tinham uma autopercepção negativa em saúde, sendo maior entre as moças. Em relação à violência escolar, a autopercepção negativa esteve associada ao sentimento de tristeza, pensamento suicida, bullying na escola, roubado na escola e segurança na escola. Sexo e idade também se mantiveram associadas ($p < 0.05$). Reforça-se a necessidade de ações de cultura e paz na adolescência, envolvendo o ambiente escolar, a fim de refletir na análise de saúde pobre dos adolescentes reduzindo também o índice de violência.</p>
<p>SILVA, J. L. da et al. VITIMIZAÇÃO POR BULLYING EM ESTUDANTES BRASILEIROS: RESULTADOS DA PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE DO ESCOLAR (PENSE). <i>Texto & Contexto - Enfermagem</i>, 27(3), e0310017, 2018. https://doi.org/10.1590/0104-07072018000310017</p>	<p>Objetivo: identificar a prevalência de vitimização por bullying em estudantes brasileiros e analisar sua associação com variáveis individuais e de contexto. Método: estudo transversal, de base populacional, com dados provenientes da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. Participaram 109.104 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas e privadas. A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário autoaplicável. Foi testado o modelo de associação entre o bullying e variáveis sociodemográficas (idade, raça/cor da pele autodeclarada e escolaridade da mãe), de saúde mental (sentimento de solidão, insônia e falta de amigos), de contexto familiar (apanhar em casa), absentismo escolar (falta às aulas) e comportamento de risco para a saúde (experimentação de drogas). Foram realizadas análises uni e multivariadas. Resultados: a prevalência de vitimização foi de 7,2%. Os meninos e as meninas de 14 e 15 anos sofreram menos bullying, e as meninas menores de 13 anos sofreram mais (OR: 1,48, IC95%: 1,02-2,15). Foram mais vítimas meninos indígenas (OR: 1,37, IC95%: 1,15-1,65), meninas pretas (OR: 1,24, IC95%: 1,09-1,40) e meninas amarelas (OR: 1,43, IC95%: 1,21-1,70). Sentir-se solitário, não ter amigos, ter insônia, faltar às aulas, sofrer violência física na família e possuir mãe com baixa escolaridade foram variáveis associadas à vitimização para meninos e meninas e usar drogas, somente para as meninas (OR: 1,19, IC95%: 1,03-1,37). Conclusão: os resultados indicam que a vitimização por bullying interfere na escolaridade e na saúde dos estudantes. Dados que podem subsidiar iniciativas de enfrentamento do bullying e de promoção de saúde nas escolas.</p>

Na Tabela 08, dois títulos utilizam o termo violência escolar, um artigo utiliza o termo violência na escola, um o termo bullying, um sobre discriminação por diversidade sexual e por fim desigualdades de gênero e exclusão. Como na Tabela 07, Também existe uma presença significativa de revistas relacionadas a ciências e saúde coletiva, no caso da Tabela 08 são dois dos artigos, os outros são variados, sendo dois relacionados a educação, mas um voltado pra psicologia escolar e o outro de saúde, também tem de enfermagem e Ciências Sociais. Como observado na Tabela 05, o ano com maior incidência de artigos é 2021 com três, logo após 2018 com dois e 2020 com um.

Comparando as informações analisadas na Tabela 06, 07 e 08, percebe-se a prevalência da utilização do termo bullying, em comparação com o uso das palavras violência escolar. Por mais que o bullying, a violência na escolar ou outras definições, como desigualdade ou discriminação ou violência física foram encontradas, as pesquisas não foram excluídas do levantamento realizado no estado da arte por ser um tipo de violência escolar, contudo é um dado que merece ser acentuado já que muda a perspectiva dos textos, afunilando o foco desses estudos.

Os objetivos e as metodologias utilizadas nos artigos foram variadas, porém percebe-se a prevalência tanto nas teses como artigos na ligação entre as violências escolares com diversos fatores, entre eles a saúde mental. Ou seja, a saúde mental nesses artigos não é vista como foco, mas pode trazer fatores importantes para observar.

Tendo em vista que o estado da arte nesse estudo teve como interesse a relação da violência escolar na saúde mental de adolescente, as teses e artigos encontrados prevaleceu como entrevistados adolescentes, que ou no resumo ou na leitura na íntegra do texto percebeu-se como a violência escolar afetou ou foi afetada pela saúde mental desses jovens, em seus objetivos talvez a correlação pode não ter sido nítida, mas nos resultados dos estudos são pontuados as intersecções, apresentando multifatorial de fatores causadores e da rede de apoio como principal auxílio.

Ao observar as referências dos texto selecionados na Tabela 07, que três dos cinco textos apresentam a palavra bullying no seu título, dessas duas só uma cita violência física e a outra é focado nas substancias psicoativas, devido a referência a violência escolar está presente do resumo. Já as revistas mais vistas foram 3 da área de saúde coletiva, as outras duas uma relacionado a psicologia e a medicina, a análise da predominância dos anos já foi vista na Tabela 04, com três artigos publicados em 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo fez o levantamento de teses e artigos, com base na perspectiva do estado da arte, que busca mapear o que já foi estudado sobre o tema e suas lacunas. Assim, com base no questionamento “Qual a relação da violência escolar na saúde mental de adolescente?” foram feitas as pesquisa em três plataformas Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Portal de Periódicos CAPES e Google Acadêmico, com restrição aos textos acadêmicos do site Scielo Brasil, com restrição de período do ano de 2018 até 2023, para entender a perspectiva mais atual sobre a temática.

O presente artigo conseguiu alcançar o que pretendia, por elencar diversos textos acadêmico sobre a relação da violência escolar na saúde mental de adolescentes, utilizando a metodologia do estado da arte. Então, os autores publicaram para diversas áreas de conhecimento, observa-se pelo nome do local onde os artigos foram publicados eram diversos, mesmo com a presença significativa em revistas de ciências e saúde coletiva.

Os resultados obtidos denotam que os anos de 2021 e 2018 foram os anos com maior índice de textos acadêmicos com a proposta da relação da violência escolar na saúde mental de adolescentes. O que faz refletir sobre o porquê do aumento nos anos destacados, se pela quantidade de casos noticiados ou algum outros aspecto, que pode ser foco para outros estudos.

Percebe-se a existência da prevalência de estudos utilizando o termo “bullying”, em contra partida poucos usam o termo “violência escolar”, com presença de violências no ambiente escolar relacionadas a gênero, gagueira e diversidade sexual. Não foi excluído na seleção do material os textos que não apresentam o termo “violência escolar”, quando visto que não deixavam de ser uma violência escolar, porém indica um recorte mais específico da temática.

Pode-se analisar que textos acadêmicos não apresentavam de modo significativo a relação da violência escolar com a saúde mental nos títulos dos textos acadêmicos, contudo é visto como um objetivo ou nos resultados, percebendo também a multifatorial de fatores causadores e da rede de apoio, que também é diversa, como principal auxílio.

As metodologias utilizadas nas teses foram o Questionário de Bullying (QB) em conjunto com outros questionários, contudo os artigos mostraram métodos

variados. Um dos pontos em comum levado em consideração é a faixa etária dos textos selecionados, visando a escuta de adolescentes.

Conclui-se que este estudo contribui como um panorama sobre o que vem sendo escrito sobre o assunto e propicia novos trabalhos com essa temática, independente da área de estudo dos pesquisadores.

REFERÊNCIAS

BRESSAN, R. A. et al. Promoção de saúde mental e prevenção de transtornos mentais no contexto escolar. In: ESTANISLAU, G. M., & BRESSAN, R. A. (Orgs.). **Saúde Mental na Escola: o que os educadores devem saber**. São Paulo: Artmed, 2014.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologias [online]. 2002, n. 8 [Acessado 19 Julho 2023], pp. 432-443. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-45222002000200016>>. Epub 13 Jan 2004. ISSN 1807-0337. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222002000200016>.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**, v.23, n.79, p. 257-272, ago. 2002.

LE BRETON, David. **Uma breve história da adolescência**. Belo horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

SILVA, J. M. A. P.; SALLES, L. M. F. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. **Educar em Revista**. Curitiba: Editora UFPR Brasil, n. especial 2, p. 217-232, 2010.

SPOSITO, M. P. **O Estado da Arte sobre Juventude na Pós-Graduação Brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte, MG: Argumentvm, 2009.

VASCONCELLOS, V. M. R. de; NASCIMENTO DA SILVA, A. P. P.; DE SOUZA, R. T. O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento. **Educação, [S. l.]**, v. 43, n. 3, p. e37452, 2020. DOI: 10.15448/1981-2582.2020.3.37452. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/37452>. Acesso em: 20 jul. 2023.